

PRÁTICAS TRADICIONAIS DO FILÓ ITALIANO EM UMA PERSPECTIVA DE PERFORMANCES CULTURAIS

TRADITIONAL PRACTICES OF ITALIAN FILÓ FROM A CULTURAL PERFORMANCE PERSPECTIVE

Sandra Beatriz RATHKE¹
Luisa DURÁN ROCCA²

Resumo: Este artigo visa analisar as relações socioculturais do filó italiano a partir da performance do Filó de Vila Flores-RS. Parte-se de uma abordagem qualitativa e exploratória, tendo como fundamento metodológico a análise das performances culturais apresentados por Erving Goffman, Richard Schechner e Victor Turner. Busca-se verificar como as tradições do filó são simbolicamente ressignificadas e como as mudanças nas estruturas sociais transformam os modos de fazer e interpretar os elementos culturais identitários para a manutenção e integração dos ítalo-brasileiros. Nesse contexto, os filós ganham novos formatos, perpassando de encontros familiares a comunitários e turísticos. Essas transformações também podem ser verificadas no campo simbólico, a partir dos elementos que compõem as práticas culturais, reforçando o mito da italianidade.

Palavras-chave: Patrimônio cultural imaterial, Performances culturais, Filó italiano, Filó de Vila Flores.

Abstract: This article analyzes the sociocultural dynamics of the Filó in Vila Flores, Rio Grande do Sul, Brazil. Adopting a qualitative and exploratory approach, it employs the methodological framework of cultural performances proposed by Erving Goffman, Richard Schechner, and Victor Turner. The study examines how Filó traditions are symbolically re-signified and explores the impact of social structural changes on the construction and interpretation of cultural identity elements that support and integrate the Italo-Brazilian community. In this evolving context, Filós have shifted from family-centric gatherings to community and touristic events. These transformations are also evident in the symbolic realm, as cultural practices reinforce the myth of Italianity.

Keywords: Intangible cultural heritage, Cultural performances, Italian *filó*, *Filó de Vila Flores*.

Introdução

O presente artigo visa analisar as relações socioculturais do filó italiano a

¹ Mestranda em Museologia e Patrimônio pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: sandra.rathke@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6293-5272>

² Professora associada do Departamento de Arquitetura da UFRGS e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS Mestranda em Museologia e Patrimônio pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Planejamento Regional e Urbano (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: luisa.duran@ufrgs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7434-4015>.

partir da performance do Filó de Vila Flores-RS. O conceito de filó pode ser compreendido como encontros sociais que ocorriam entre famílias italianas, à noite, geralmente, aos sábados e domingos, marcados, principalmente, pela necessidade de sociabilidade, produção artesanal e lazer. Nesses encontros, imigrantes italianos se reuniam para contarcausos, compartilhar notícias da Itália, rezar, confeccionar trabalhos artesanais, jogar bisca, três sete e quatrilha, e entoar canções italianas, acompanhado de um típico jantar com bastante vinho (Battistel; Costa, 1982; 1983a, 1983b; Battistel, 2013). No dicionário talian-português, Luzzatto define filó como “reunião familiar, sarau” (Luzzato, 2000, p.132). O filó, como confraternização cultural dos ítalo-brasileiros, a partir da organização social das comunidades locais e regionais, mantém viva as memórias e heranças culturais trazidas da Itália, ressignificando as práticas para a manutenção das lembranças, das histórias, dos saberes e fazeres e da língua para as gerações futuras.

Frei Arlindo Itacir Battistel e Rovílio Costa, ao publicarem as coleções *Assim vivem os italianos*, registraram a vida social e cultural dos ítalo-brasileiros, trazendo ricas histórias e ilustrações sobre imigração, trabalho, educação, culto à morte, religião, canções, estórias, arquitetura, artesanato, vestimentas, culinária, brincadeiras e lazer, incluindo os filós. Alguns depoimentos registrados por Battistel (2013) demonstram a posição que as mulheres ocupavam nos filós, lhes sendo atribuído a tarefa de fazer trança e, inclusive, havendo resistência por parte dos pais em deixarem as jovens moças participarem desses encontros.

Fizemos filó, mas levamos oito dias para pedir ao pai de irmos ao filó. Não tínhamos costume de ir a outros lugares, porque pedir ao pai para ir ao filó era como dar-lhe uma cacetada na cabeça, o que ele acharia até melhor, porque, acredito, ofender-se-ia menos. Então, fomos a filó lá na *nona* [...] (Emília Battistel Bolzan, p. 520 *In*: Battistel, 2013).

Fazíamos filó se era para dobrar palhas, senão, não. Nem me deixava fazer filó. Ir nas outras famílias não nos deixava. Fazer farras, rir, brincar, nunca permitia. Não sei por quê. Eu por mim, acho que ele não confiava em nós moças (Teresinha Battistel Boaretto, p 541 *In*: Battistel, 2013).

Essas restrições impostas às mulheres e jovens moças permite observar que a família era baseada em uma estrutura patriarcal. “A família patriarcalmente conduzida era sinal de prosperidade e também os provérbios ensinam que o homem não pode perder o controle da casa e da família [...]” (Beneduzi, 2004, p. 238). Essa estrutura familiar patriarcal também “representava a manutenção dos valores trazidos da sociedade de origem”, e configurava como uma “estratégia de

integração” influenciado, principalmente, pela Igreja Católica (Herédia, 2005, p. 240).

Ribeiro (2004), por sua vez, verifica que o filó constitui o espaço privilegiado para o canto associativo, sendo que o canto popular aparece como uma das manifestações culturais mais expressivas na Região Colonial Italiana (RCI), no Nordeste do RS. Como a autora descreve, esses encontros sociais ocorriam nas cozinhas ou cantinas domésticas, sobretudo, nas áreas rurais. As mulheres faziam *dressa*, trança de palha de trigo, ou crochê e os homens jogavam cartas, conversavam ou ainda podiam fazer cabos para enxada ou tecer cestos de vimes. As crianças costumavam brincar com sabugos de milho. E entre um vinho e outro, entoavam canções populares.

Nesse contexto, existe no município de Vila Flores, RS, um grupo responsável pela performance do filó que começou a atuar, inicialmente, nas comunidades do município por iniciativa do coral municipal e, posteriormente, passou a integrar o roteiro turístico termas e longevidade da microrregião da serra gaúcha pela governança da Associação de Turismo da Serra (Atuaserra). Essa associação conta com a participação de empreendedores, lideranças locais, poder público e privado de municípios da “Região da uva e do vinho” para promover o turismo local. Para atender as demandas, a prefeitura cedeu um espaço da casa do artesão, localizada no bairro São Luiz em Vila Flores, para o grupo do filó realizar as atuações e receber os turistas. Em 2017, foi formalizada a Associação Cultural Italiana Filó de Vila Flores. O filó tem duração de 3h e, recebidos à luz de lampião, os turistas são convidados a experienciar a cultura dos ítalo-brasileiros com música, oração, brincadeiras e um jantar com um bom vinho.

Localizado entre os municípios de Veranópolis e Nova Prata, na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, o município de Vila Flores tem uma população estimada de 3.646 habitantes e fica a 175 km de distância de Porto Alegre (IBGE, 2022). Em 2016, pela Lei Estadual n.º 14.949, de 10/11/2016, Vila Flores foi declarada como Capital Estadual do Filó e, recentemente, pela Lei municipal 2541, de 05 de julho de 2022, a língua *talian*, ficou instituída como língua co-oficial do município de Vila Flores. Em 2014, o *talian* foi incluída como patrimônio imaterial da diversidade linguística ao nível federal pelo IPHAN.

A partir de 2006, o Filó de Vila Flores começou a integrar o projeto economia da experiência, na região da uva e do vinho na serra gaúcha, desenvolvido e implementado de forma pioneira no Brasil pelo Ministério do

Turismo (MTur), SEBRAE, Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares (SHRBS), sob a gestão do Instituto Marca Brasil, criando a marca comercial *Tour da Experiência* (Souza; Saad, 2010, p.18). A ideia de implementação do projeto de economia da experiência teve seu aporte teórico fundamentado na obra *Sociedade dos sonhos*, de Rolf Jensen (1999), que tem o elemento emocional e o valor contido nas histórias locais como componentes agregadores na oferta de serviços turísticos. Outra obra que fundamentou o projeto foi *Economia da Experiência* de Pine II e Gilmore (1999), cujo cerne centra-se em proporcionar experiências únicas e memoráveis aos turistas, em uma abordagem empresarial (Souza; Saad, 2010). Como destacam Pine II e Gilmore: “Uma experiência ocorre quando uma empresa usa intencionalmente serviços como palco e mercadorias como acessórios para engajar clientes individuais de forma a criar um evento memorável” (Pine II; Gilmore, 1998, p. 99).

Desse modo, pode-se observar que as transformações das tradições dos filós ao longo do tempo constituíram ações performáticas das memórias coletivas que se adaptaram aos contextos históricos de imigração, globalização e turismo. A abordagem metodológica das performances culturais oferece uma perspectiva importante para a compreensão de ações e representações simbólicas dos indivíduos e grupos em suas relações sociais e culturais, que moldam comportamentos, identidades, normas sociais, narrativas e rituais.

Erving Goffman (2002) analisa os papéis sociais que um indivíduo desempenha no cotidiano, estabelecendo uma representação do eu perante os outros e da imagem que se quer transmitir diante dos valores morais comuns na sociedade. “Assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (Goffman, 2002, p. 41). A representação do “eu” perante os valores culturais comuns no imaginário dos imigrantes e descendentes italianos baseia-se, principalmente, na construção étnico cultural do mito da italianidade que tem como elementos centrais a religião, a família, o trabalho e a propriedade da terra (Beneduzi, 2004; Bao, 2015). Sob esta perspectiva de performances culturais, a representação do eu perante os outros carrega as memórias individuais e coletivas herdadas desde a infância diante de valores culturais incorporados. Os valores culturais compartilhados sob a perspectiva das performances culturais estabelecem relações do sujeito com sua vida pessoal e sua interação com grupos sociais, em um

jogo de interesses e poderes. Como explica Veloso:

As performances culturais são reiteradas por desempenhos coletivos, de papéis culturais construídos e prescritos por um conjunto de normas sociais cristalizadas, os quais são reencenados em ato presente, de maneira ritualizada ou não. Entretanto, desempenhados de acordo com um determinado jogo de interesses e poderes (Veloso, 2014, p. 196).

Para o diretor de teatro Richard Schechner, a performance “refere-se a eventos mais definidos e ligados, marcados por um contexto, por uma convenção, por um uso e por uma tradição” (Schechner, 2003, p. 23). A performance é analisada por Schechner no campo das artes, dos rituais e da vida cotidiana, delineados por “porções de comportamentos culturais” que são aprendidas, ajustadas, ensaiadas e atuadas em relação às circunstâncias pessoais e sociais, denominado de comportamentos restaurados. Nesse sentido, o contexto de cada performance, evento ou comportamento é diferente da anterior, pois depende de sua interatividade e fluxo. “Performances existem apenas enquanto ações, interações e relações” (Schechner, 2003, p. 4).

Sob outra perspectiva, o conceito de performance apresentado por Victor Turner resulta de suas pesquisas antropológicas sobre os rituais do *Ndembu* na África Central, de sua aproximação com o campo das artes e do contato com Schechner. A partir de suas pesquisas, Victor Turner apresenta o modelo de drama social, tendo como base os ritos de passagem de Arnold Van Gennep¹ (Dawsey, 2005), que ele divide em quatro momentos de suspensão do fluxo da vida cotidiana, capazes de desequilibrar a ordem e estrutura social: 1) ruptura de relações formais, 2) crise crescente, 3) ação corretiva, e 4) reintegração ou cisão (Turner, 2008). Em uma crise, as performances culturais, sociais e simbólicas são recriadas com os elementos do caos. Como salienta Turner:

A passagem de um status social para outro é muitas vezes acompanhada de uma passagem análoga no espaço, um movimento geográfico de um lugar para outro. Isso pode tomar a forma de uma mera abertura de portas ou da travessia literal de um limiar que separa duas áreas distintas, uma associada ao status pré-ritual ou preliminar do sujeito, e a outra, a seu status pós-ritual ou pós-limiar (Turner, 2015, p. 3).

“Assim, em um ritual, tempo, espaço e as pessoas nele envolvidas não são os mesmos na vida cotidiana, já que estão sob a influência de um ambiente simbólico que os ressignifica e, por sua vez, transforma seus atributos e *status*” (Veloso, 2014, p. 199). Turner, portanto, descreve esse fenômeno como

liminaridade, que se refere ao estado de transição, ocasionando uma suspensão na estrutura social existente e no *status quo* do indivíduo ou de um grupo. Nesse sentido, o sujeito passa a desempenhar novos papéis sociais, encontrando nas *communitas*², vínculos para reintegração. Esses fenômenos liminares possibilitam uma transformação social, uma mudança no *status quo*, que implica em uma antiestrutura social. Em sociedades modernas, industriais e complexas tais mudanças podem ser denominadas como fenômenos *liminoides*, enquanto, os fenômenos liminares tendem a ter relação com sociedades tradicionais, tribais e agrárias (Turner, 2012).

Costa (2013) faz uma análise comparativa do conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner, conceito que se mostrou central nos estudos desenvolvidos sobre performances pelos autores ao longo de suas carreiras e das relações interpessoais e profissionais entre ambos. Costa esclarece que o conceito ritual é situado por ambos em momento separado da vida cotidiana, mas é na liminaridade que as diferenças podem ser percebidas. Dessa forma, o processo ritual de transformação de um indivíduo é visto por Turner a partir do *status* e por Schechner a partir da personalidade. Turner dedica-se à análise dos símbolos rituais e da simbologia comparativa. São os símbolos que expressam a memória para Turner. Já para Schechner a memória é expressa e existente no corpo (Costa, 2013).

A memória expressa e existente no corpo também foi analisado por Taylor (2011), que introduz os vários usos da palavra performance que se proliferaram nos 40 últimos anos, transcendendo as divisões disciplinares entre teatro, antropologia, sociologia, linguística e artes visuais. Taylor explica que os objetos de análise sobre performances podem ser tanto os materiais arquivísticos quanto os atos ao vivo que fazem parte de um repertório, que carrega a memória corporal sempre viva para a transmissão do conhecimento. O Filó de Vila Flores é um exemplo de ato vivo de memórias corporais expressas pelo ato performático para a transmissão do conhecimento. “As performances funcionam como atos vitais de transferência, transmitindo conhecimento social, memória e um senso de identidade por meio de ações reiteradas, o que Richard Schechner denominou como ‘comportamento duplamente vivenciado’” (Taylor, 2011, p. 20). Por um lado, tem-se o valor atribuído às memórias lembradas no discurso narrativo da ação performática do Filó de Vila Flores, e por outro, tem-se a performance sob a perspectiva do olhar do outro, do sujeito turista que observa e vivencia a performance. A experiência vivenciada pelo turista e a performance dos atores do filó será diferente em cada

ação, interação e relação, o que Schechner (2003) denominou de comportamento restaurado.

Partindo desse contexto, esta pesquisa, de abordagem qualitativa e exploratória, tem como aporte metodológico o estudo das performances culturais que visa analisar como as práticas do filó são simbolicamente representadas e ressignificadas, de forma a verificar os significados das ações simbólicas que permeiam os discursos narrativos e elementos culturais presentes na cenografia do Filó de Vila Flores.

Contexto histórico-cultural da imigração italiana

A formação das colônias no Rio Grande do Sul (RS), constituída, essencialmente, com a migração de açorianos, alemães e italianos, teve seu marco inicial com a política brasileira imigratória durante o período imperial e republicano (Herédia, 2001). Dentre as motivações para atrair trabalhadores europeus estavam: a instauração de uma agricultura subsidiária com trabalhadores livres e sob o regime de pequena propriedade; aumentar a população no Brasil para favorecer a implementação de indústrias e comércios; formar um exército para garantir a segurança nacional e servir para a política expansionista nas províncias cisplatinas; substituir a mão de obra escrava com o movimento abolicionista; e criar uma classe média de homens livres (Manfroi, 1975). A substituição da mão de obra escrava teve como principal motivação o branqueamento da raça (Boni; Costa, 1979).

A política de imigração do século XIX também coincidia com os interesses latifundiários, principalmente, com a expansão cafeeira, mas, os imigrantes cooptados para as fazendas de café não eram homens livres e proprietários de suas terras. Em São Paulo, o processo de imigração apresentava como principal objetivo substituir a mão de obra escrava nas fazendas de café, enquanto, o processo migratório no Rio Grande do Sul foi baseado no regime de pequena propriedade visando à formação de colônias agrícolas (Herédia, 2001). Nessa conjuntura brasileira de colonização, a migração de italianos para o Brasil também coincidia com a crise econômica e política que se instaurava na Itália no século XIX, que teve como fator determinante o *Risorgimento*, movimento político e ideológico, “inspirado nos ideais revolucionários franceses” (Manfroi, 1996, p. 49), que resultou na unificação da Itália. Como explica Herédia:

Antes do processo de unificação italiano, que transformou a Itália num reino unido, o território que compunha a península itálica estava dividido em reinos, ducados e repúblicas. A divisão política das regiões geográficas estava assim constituída: o domínio austro-húngaro que envolvia as regiões da Lombardia, do Trentino e da Venécia; o domínio da Casa de Sabóia que abrangia parte da Lombardia, o Piemonte e a Liguria; o domínio do Vaticano, a Emilia-Romagna, e ainda a existência de ducados que haviam se estabelecido como regiões autônomas. Apenas em 1861 a Itália foi unificada e teve seu primeiro rei: Vitor Emanuel II (Herédia, 2005, p. 234).

A unificação da Itália agravou os problemas econômicos, sociais e políticos existentes com a crise agrária e a expansão do capitalismo, sobretudo nas regiões campestres do norte da Itália, o que levou à emigração em massa de italianos para outros países em busca por sobrevivência. “A emigração acabou sendo uma resposta à crise agrária que a Itália vivia e foi utilizada para promover a colonização agrícola no Sul do Brasil” (Herédia, 2005, p. 236). Especificamente, nas terras devolutas do Estado do Rio Grande do Sul várias colônias se formaram para receber os imigrantes que aqui chegaram: a) em 1875, foram criadas as colônias Fundos de Nova Palmira (que em 1877, passaria a ser denominada de Colônia Caxias), Conde D’Eu (Garibaldi) e Dona Isabel (Bento Gonçalves); b) em 1877, o Governo criou a quarta colônia, denominada Silveira Martins, nas terras das matas próximo a Santa Maria; c) em 1880, foi criada a colônia de Encantado; d) em 1884, a colônia Alfredo Chaves, atual município de Veranópolis; e) em 1886, a colônia de Antônio Prado; f) em 1892, a colônia de Guaporé (Boni; Costa, 1979; Costa, 1998;). Essas colônias foram formadas entre o século XIX e XX, por italianos vindos de diferentes províncias do nordeste da Itália, essencialmente, vênnetos, lombardos e trentinos e friulanos que ocuparam os lotes rurais (Beneduzi, 2020).

Aos imigrantes italianos que chegaram no Brasil eram oferecidas viagens pagas até as colônias, lotes rurais que deveriam ser quitados no prazo de 5 a 10 anos, assistência médica, sementes, ferramentas para o trabalho, auxílio financeiro, liberdade religiosa e nacionalização. Contudo, nas viagens de travessia do oceano, os imigrantes se depararam com condições precárias de superlotação dos navios, doenças que atingiam, principalmente, crianças e idosos, falta de assistência médica e casos de mortes frequentes (Manfroi, 1975). Vindos pela esperança de serem proprietários de suas terras, devido à pobreza que assolava sua pátria, os imigrantes que se deslocaram para o Nordeste do RS tiveram que adentrar uma região coberta por uma densa mata e enfrentar o isolamento geográfico dos grandes centros urbanos e comerciais nos primeiros tempos de colonização (Manfroi, 1975; Boni;

Costa, 1979). Aos poucos este isolamento geográfico foi dando espaço a intercâmbios comerciais com os alemães, junto aos vales do Rio Caís e Sinos (Molon, 2001). Não obstante, em 1879, o governo suspendeu toda a ajuda para os imigrantes, conservando apenas a venda de lotes coloniais a créditos e trabalho remunerado durante 15 dias por mês, para construção de estradas. Nesse cenário de um novo recomeçar, os colonos italianos encontraram na solidariedade e no trabalho forças para sobreviver.

Bergamaschi (2007) explica que a propriedade da terra representava aos colonos imigrantes segurança, estabilidade, liberdade, poder e ascensão social para prosperar. A família também constituiu-se como valor para a conquista e sucessão familiar, de posse das terras e de atividades comerciais. A economia de subsistência e emancipação econômica nos primeiros tempos de colonização foi baseada na agricultura, com comercialização de produtos como o milho, trigo e banha, e na indústria doméstica para produção e conservação de alimentos e fabricação de ferramentas e utensílios de trabalho (Molon, 2001). O trabalho era, portanto, uma necessidade primeira para os imigrantes, enquanto, a escolarização dos filhos era uma preocupação secundária ou mesmo ausente pois, os filhos precisavam auxiliar nas lavouras.

Mandar os filhos à escola representava um peso para a economia da família. Em primeiro lugar, era necessário comprar o material escolar, o vestuário, que representava elevada despesa, visto as poucas fontes de renda. Muitos pagavam seus estudos com produtos da lavoura: arroz, batata, feijão ...A perda de mão-de-obra era outra razão que impedia os pais de enviarem os filhos à escola. A experiência ensinara que a vida era possível, mesmo sem estudo. Compreende-se o pouco apreço pelo estudo que não se apresentava como instrumento de solução imediata de problemas, nem como meio para um futuro feliz da família dos imigrantes. A autêntica segurança era a terra, pois dela, podia obter a produção necessária à própria sobrevivência (Costa; Costella; Salame Pe.; Salame, Pa., 1986, p. 76).

A instrução escolar nas colônias italianas se deu por iniciativa dos missionários Capuchinhos da Província de Savoia, que chegaram ao Rio Grande do Sul em 1896, e estabeleceram-se, inicialmente, em Garibaldi. Não conseguindo atender a todas as regiões, os Capuchinhos solicitaram ajuda a outras congregações religiosas francesas, sendo atendidos pela vinda das Irmãs de São José, os irmãos Maristas e os irmãos Lassalistas. “O objetivo dessas congregações era transmitir conhecimento científico e religioso. Não fosse o seu trabalho, os imigrantes teriam

perdido o senso religioso e a instrução profana que continuou de geração em geração” (Costa; Costella; Salame Pe.; Salame, Pa., 1986, p. 77).

Por outro lado, o isolamento das colônias italianas na serra gaúcha favoreceu a preservação do dialeto e das tradições e costumes trazidos pelos imigrantes. “O isolamento geográfico permitiu, sem muitas influências externas, recriar no Brasil, uma Itália similar em tudo, com destaque para os setores produtivos, religiosos, sociais e o da alimentação” (Molon, 2001, p. 458). Para superar as dificuldades e se manterem unidos, os imigrantes se fortaleceram, principalmente, na fé. Em várias linhas, designação de limites das colônias de terras, os imigrantes começaram a se juntar para construir as capelas e as igrejas. A capela tem como sentido, o “local onde são realizados atos sagrados e profanos”, de encontros da comunidade, enquanto, “a igreja é local de ritos de passagem e de trabalho” (Giron, 2007, p. 47). Junto às capelas eram construídos os salões de festas, o cemitério, as escolas e, posteriormente, as bodegas. Tal forma de organização social em torno da capela fortaleceu a construção identitária e de integração dos imigrantes, que permitiu a eles superarem os traumas da imigração (Manfroi, 1975).

A herança cultural trazida pelos imigrantes evoca elementos centrais como religião, família e trabalho, cujos valores culturais como autorrepresentação de performances culturais (Goffman, 2002) são lembrados e fortalecidos nos encontros familiares e nas festas comunitárias. Giron (2007), comenta que há uma relação direta entre as festas de família e as histórias de família, que tem por finalidade celebrar (repetir) um passado e comemorar (lembrar juntos) os antepassados. Essa nostalgia ao passado é ressignificada nos atuais filós por meio do tecer de uma cesta, da polenta servida, da fé renovada, das canções entoadas e das histórias lembradas que permeia as porções de comportamentos restaurados (Schechner, 2003).

O Filó de Vila Flores

Com duração de três horas, o filó segue uma sequência de representações culturais vivenciadas pelos visitantes, ao qual somos recebidos com muita alegria pelo grupo de atuação em trajes típicos, com cantos, histórias, oferta de um jantar com polenta, brincadeiras e oração. No primeiro ato, o grupo do filó vai ao encontro dos visitantes na parte exterior da casa do artesão, à luz de lampião, saudando os turistas com *buona sera* (boa noite) Filó de Vila Flores, e ao canto de *Il Sirio*. A cada

visitante também é oferecido *grostoli*³ antes da entrada no porão da casa do artesão.

Figura 1-Recepção aoturistas à luz do lampião



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.

A primeira canção entoada pelo grupo do Filó, *Il Sirio*, foi “registrado pela primeira vez por Michele Luigi Straniero (*Il trágico naufrágio della nave Sirio*). E uma canção típica dos contadores de história do norte da Itália [...]” (Balzan; Santos, 2016, p. 40). Essa canção faz referência a um naufrágio do navio Sirio, ocorrido na costa espanhola em 04 de agosto de 1906, quando cerca de 500 pessoas morreram ou ficaram desaparecidos. O navio transportava “1700 emigrantes (provenientes das regiões do Vêneto e Trento) que saíram de Gênova com destino ao Brasil, Argentina e Uruguai” (Balzan; Santos, 2016, p. 40). *Il Sirio* é uma das canções lembradas pela memória coletiva dos ítalo-brasileiros e pode apresentar diferentes versões.

Já no interior da casa e acomodados nas cadeiras, somos convidados a conhecer a história da imigração e colonização italiana por meio da história dos objetos e das canções entoadas. Objetos de trabalho, de fé, de artesanato são expostos ao olhar dos visitantes. O grupo intercala-se para contar as histórias, começando pela chegada dos imigrantes na serra gaúcha, da história do município, denominado primeiro de Pinheiro Seco e, posteriormente, de Vila Flores (1920), bem como, da história que dá à Vila Flores o título de *Terra da fé, do pão e do vinho*. A fé, característica marcante entre os ítalo-brasileiros, representa a coragem dos primeiros imigrantes que aqui chegaram para enfrentar as dificuldades e sobreviver na nova terra. O pão é o simbolismo da terra fértil para o sustento da família, representa o alimento, a mesa farta, a cocanha⁴. O vinho faz referência aos Freis Capuchinhos que produzem um vinho diferenciado, o vinho santo de missa. Posteriormente, é contada a história da imigração italiana, da miséria que assolava a Itália, da travessia no mar, das dificuldades encontradas quando aqui chegaram e

dos objetivos do governo brasileiro em colonizar o sul do Brasil. Nesse momento, o grupo apresenta um cartaz de propaganda brasileira utilizado na Itália para atrair imigrantes ao Brasil.

Figura 2 – Cartaz de propaganda da migração italiana para o Brasil



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.

Na sequência os visitantes são convidados a conhecer o significado de filó, como é explicado pelos atores: são encontros entre famílias, e quando nos tempos antigos uma família deslocava-se à casa de outra, à luz de lampião, cantavam canções pela estrada para assustar os animais da floresta e convidar famílias pelo caminho a juntarem-se ao encontro. Na sequência, o grupo entoava as canções *Mérica Mérica e Quel Mazzolin Di Fiori*. Benedita Ceccato relata que a vida dos imigrantes não era “flores”, mas também não era difícil, contudo, muitas famílias caíam em profunda tristeza:

Faltava tudo, longe de todos. A saudade da Itália, enfim amontoava os problemas. Mas, os outros espertos levaram o remédio. Chegava na casa, batia e dizia assim, chega de tristeza pra mandar embora. Toda essa tristeza é só sair, trabalhar e cantar. Mas, vocês tem que cantar bem alto. Vocês vão ver que a vida de vocês vai mudar. E eles obedeciam, começavam a cantarolar, segundo dia melhoravam e terceiro dia já estavam cantando alto. Não é que a colônia vizinha ouviu e começou a cantar também? Tinha gente cantando em todas as direções. Que maravilha ouvir vozes humanas que atravessavam as matas e chegavam até as pessoas (Relato de Benedita Ceccato durante o Filo de Vila Flores, 2023).

A canção *Mérica, Mérica* se tornou o símbolo da imigração italiana e “expressa a celebração da conquista da terra – de uma certa forma comemora-se o encontro da terra da *cucagna* [...]” (Beneduzi, 2004, p. 190). A canção expressa uma narrativa de epopeia do processo migratório, mas também passa a ser reconhecida como canção de autoidentificação dos descendentes italianos

(Beneduzi, 2004). Em 2005, como parte das comemorações dos 130 anos da colonização italiana no Rio Grande do Sul, a canção intitulada como *La Mérica*, de autoria do compositor Ângelo Giusti, ficou instituída como tema da colonização italiana no Rio Grande do Sul pela Lei n.º 12.411, de 22 de dezembro de 2005.

Muitas canções italianas foram utilizadas para expressar “os sentimentos de indignação, revolta, tristeza e saudade” (Balzan; Santos, 2016, p. 36), daqueles que tiveram que deixar a sua pátria e, ao mesmo tempo, significava a esperança de um novo recomeçar na América. O hábito de cantar entre os imigrantes também significava agregação social tanto nas sagras, nas festas das comunidades quanto nos filós (Porto, 2015). A canção *Quel mazzolin di fior*⁵, por outro lado, é um canto campesino escrito em 1904, que narra o desejo de uma moça em oferecer um ramallete, colhido nas montanhas, ao seu amado. A moça entra em um estado de lamentações e choro quando descobre que foi traída (Gomes, 2008).

Dando sequência à performance, mais histórias são contadas, agora das ferramentas de trabalho recebidos pelo governo na chegada dos imigrantes ao Brasil: foice, machado, enxada, picareta, traçador, semeadeira que serviram para derrubar a mata, produzir a agricultura e construir as primeiras casas. E não menos importante é a figura da mulher, que ajudava não apenas nas tarefas pesadas na lavoura, mas também era o ponto de equilíbrio da família, como conta Dona Benedita, presidente do Filó de Vila Flores.

Quanto ao artesanato, inicialmente, os imigrantes faziam os chapéus, chinelos, cestas, colchões e travesseiros com palha de milho. Com a possibilidade de produção de trigo, os imigrantes passaram a fazer a *dressa*, trança de palha de trigo, para a confecção artesanal dos referidos objetos. Outra ferramenta importante no trabalho artesanal é a roda de fiar. Ceccato explica que uma das atividades desenvolvidas pelas mulheres nos filós “era a de extrair a fibra do linho para fazer o fio [...]. Essa atividade ficou conhecida como *filàre* o tecido, isto é, do italiano traduzido para o português, fiar o tecido filó. Segundo relatos orais dos imigrantes, esta é a origem da palavra filó [...].” (Ceccato, 2011, p. 26). Importante destacar que em todo o momento do filó até o jantar, tem a figura da mulher a fazer *dressa*. Como nos filós tradicionais, o artesanato era a principal atividade realizada pelas mulheres nos encontros.

Figura 3 – Mulher a fazer *dressa*



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.

Assim como o artesanato, a reza e a religiosidade constituem práticas que sempre estiveram presentes na cultura italiana e nos filós. Durante o primeiro momento das histórias, dona Benedita relata sobre a reza do terço e do rosário e, em seguida, o grupo faz uma oração como demonstração de fé. Conforme narrativa de Benedita, o terço era rezado todas as noites:

Imagina quanto árduo era todo o trabalho braçado. Pesado, difícil. Gente, chegavam a noite, estavam cansados, mas eles tinham que rezar porque só trabalhar, não. Eles tinham que alimentar a sua alma, seu espírito. Eles tinham fé em Deus, tinham que rezar. Se pegassem no sono na cadeira, não se preocupe que a avó estava de alerta. Aí ela dava uma sacudida na criatura e dizia assim; Reza! (Relato de Benedita Ceccato durante o Filo de Vila Flores, 2023)

Figura 4 – Demonstração da fé



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.

Em segundo ato, os visitantes são convidados para o jantar com a canção *La Bella Polenta*, enquanto a polenta é preparada e servida à mesa. Durante o jantar, outras canções populares e gaúchas são entoadas. A gaita ou gaita de boca são os instrumentos utilizados. À mesa são servidos polenta com molho de carne ou frango, salame, queijo, pastel, *grostoli*, canudinho, bolo, cuca, pão sovado, suco e vinho. Também é oferecido pinhão cozido na chapa do fogão a lenha e por último, após o jantar, convida-se a tomar um chá ou café com bolo.

Figura 5 - A polenta sendo mexida ao cantar de *La Bella Polenta*



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.

La Bella Polenta, canto popular Vêneto de 1919, também se tornou um símbolo de identidade étnica da cultura italiana. A canção narra todo o processo da polenta, desde o plantio até a preparação do prato: “[...] a polenta é plantada, cresce, floresce, é cozida, cortada, consumida, saboreada e terminada” (Giordani, 2020, p. 156). Na gastronomia ocorrem as hibridações por força de adaptar receitas aos ingredientes locais, no caso do milho, originário da América, que passou a ser cultivado pelos italianos (Battistel, 2013). No início da imigração no Rio Grande do Sul, a farinha de milho era feita com pilão (um dos utensílios usados pelo grupo do filó para narrar a história da imigração). Essa farinha era misturada com a casca, pois, não tinham como peneirar. Posteriormente, foram construídos os moinhos para moer grãos de trigo e milho para a produção de farinha (Battistel, 2013).

Após o jantar, os visitantes conhecem a parte superior da casa, onde fica a loja de venda de artesanato e o grupo do filó conta algumas anedotas e realiza brincadeiras como o chinelo de três pés, que conta com a participação dos visitantes, ou o jogo da mora.

Figura 6 - Jogo da mora



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.

O jogo da mora exige agilidade e concentração em somar pontos. Como explica Costa (1986):

A mora era um dos esportes preferidos, que marcava os ‘filós’ e

encontros. Todos sabiam jogá-la com maestria. Aos domingos, à tarde, após a reza do terço, nas capelas, reuniam-se em torno a uma mesa e o anoitecer colhia-os gritando: 2, 2, 2, 2, 3, 3, 3, 3, 6, 6, 6, ... batendo na mesa. Fazia ponto quem somasse o número certo proposto, somando os dedos estendidos e os do adversário. É esta também uma das explicações à ligeireza do imigrante em ‘fazer as contas de cabeça’ (Costa, 1986, p. 66-67).

Por último segue o sorteio de brindes para os visitantes (pão filó e vinho dos Freis Capuchinhos). Por fim, o filó é encerrado com a canção *Querência amada* e com uma oração para que todos voltem para casa em segurança.

Performances culturais: ritos e simbolismos

Tomar-se-á como ponto de partida de análise das performances culturais, a mudança mais significativa na estrutura social sofrida pelos italianos a partir da unificação da Itália no século XIX (Beneduzi, 2004). Esse momento histórico permeia as primeiras fases nos ritos de passagem proposto por Turner (2008; 2012; 2015): a ruptura nas relações formais e a crise crescente. A imigração em massa, como políticas de Estado, emerge como a fase de ação corretiva, não necessariamente positiva. O processo social de deixar a pátria de origem e estabelecer-se em solo brasileiro constitui a fase liminar dos imigrantes, que se refere ao estado de transição, ocasionando uma suspensão na estrutura social (antiestrutura) existente e no *status quo*. Na fase em que os imigrantes já estão estabelecidos nas colônias brasileiras, com uma estrutura mínima de produção agrícola e sobrevivência, ocorre a reintegração social. Essa reintegração representa os laços de comunidade (*communitas*), sobretudo, nos núcleos coloniais, quando ocorrem os vínculos entre italianos vindos das diferentes províncias da Itália. Esses novos vínculos em solo estrangeiro durante a fase liminar evoca sentimentos de união que são retomadas por meio dos costumes, das tradições, das crenças e dos saberes, sendo o filó por eminência esse elemento de laço das *communitas*.

Gomes e Laroque (2010), destacam alguns elementos culturais trazidos pelos italianos como: o uso do dialeto de cada região de origem, resultando em hibridismo linguístico, que acaba por formar um dialeto próprio⁶; a organização social em torno da igreja como fator de integração e identidade cultural; a tradição da oralidade que preservou histórias e memórias dos imigrantes; a culinária, em especial, a polenta como “traço da identidade dos descendentes italianos”; e as canções como “celebração de coragem diante das dificuldades” (Gomes; Laroque,

2010, p. 37-38).

Porém, esse retomar de tradições perpassa por algumas mudanças no campo dos espaços, dos formatos, das motivações e no campo simbólico. No contexto da Itália, os filós ocorriam nas estrebarias junto ao calor natural dos animais nas longas noites frias de inverno e constituíam-se em encontros campesinos entre o fiar e costurar como necessidade econômica e doméstica, motivado também pela necessidade de sociabilidade, manutenção das tradições, trocas de experiências e recordações de vivências passadas, bem como, de momentos que propiciavam encontros amorosos, razão pelo qual o filó era atacado por sacerdotes e pela Igreja, por propiciar um local que ia contra os bons costumes (Beneduzi, 2004). No contexto brasileiro, essa tradição é retomada, não mais em estrebarias. A cozinha torna-se um espaço essencial na casa do imigrante italiano, um lugar de encontros sociais ao redor do *fogolar* para fazer as lidas diárias e ter momentos de lazer. A arquitetura doméstica da migração italiana caracteriza-se pela relevância do espaço de cozinha e da sala de jantar unidos e estruturados ao redor do fogão. O filó é ressignificado nas colônias italianas brasileiras, onde vizinhos encontravam-se para suportar a saudade da terra natal e dividir notícias vindas de parentes e amigos da Itália por meio de cartas, suportar a solidão e amenizar o sofrimento causado pela imigração, bem como estimular a troca de produtos da terra e preservar a manutenção do artesanato doméstico (Gomes; Laroque, 2010).

A nostalgia a esse passado imaginário das tradições do país de origem (Beneduzi, 2005), passam por uma adaptação e invenção das tradições (Hobsbawm; Ranger, 2008) pra a preservação da identidade sociocultural dos ítalo-brasileiros. Nardi esclarece que “os filós de hoje se constituem em uma espécie de adaptação dos costumes noturnos de sociabilidade dos imigrantes para um novo contexto, determinado pelo século XXI e suas pretensões culturais e turísticas” (Nardi, 2007, p. 120). Para o autor, os filós atuais apresentam características diversas dos filós originais, sendo recriado, adaptado, reinventado para preservação da identidade sociocultural, e por conseguinte, do interesse turístico.

Por outro lado, Giordani (2020) analisa como a polenta se tornou um prato emblemático, com propriedades simbólicas que reforçam os sentimentos de pertença, memória e identidade. Um prato que foi por muito tempo associado à pobreza, passa por uma ressignificação e torna-se um dos principais símbolos identitários e de luxo dos descendentes italianos. Como Prats (1998) salienta, os elementos culturais associados a uma determinada identidade e os valores

atribuídos a esses elementos sacralizam os discursos identitários. Nessa perspectiva, as performances culturais têm nos discursos sacralizados seus atributos simbólicos que constroem e reconstroem sentimentos e valores. Migot descreve que:

Para realizar o apelo da sociabilidade e realizar-se humana e socialmente, o homem cria rituais e cenários, faz-se ator e espectador, numa multiforme objetivação da sociabilidade, nas circunstâncias de espaço e de tempo em que lhe for dado viver. Reinventa o passado, a tradição e personaliza o presente. Por mais humilde que seja, por mais distante que se encontre de suas primeiras raízes, deixa de ser apenas um dado, um ser natural para tornar-se um ser cultural e histórico (Migot, 2001, p. 46).

Trazendo as sagras como manifestações da sociabilidade humana entre os colonos ítalo-brasileiros que viviam e vivem nas capelas no meio rural, Migot comenta que os fatos sociais das pequenas comunidades nas capelas, era pouco difundida, porém “[...] os modernos meios de comunicação explodiram estes ninhos reservados e aconchegantes. Por isso, a *sagra* não se repetirá, a não ser como mostra do passado em eventos culturais” (Migot, 2001, p. 61). Nesse sentido, as mudanças nas estruturas sociais (Turner, 2008; 2012; 2015) perpassam por rituais que reinventam o passado como mostra em eventos culturais, a exemplo do filó, para realizar o apelo da sociabilidade. O sujeito torna-se tanto ator em sua autorrepresentação quanto espectador em seu comportamento restaurado.

No campo simbólico, as performances nos filós reforçam o mito da italianidade e o mito colonizador. Beneduzi (2004) faz uma análise do processo de construção identitária que se consolida nas comunidades coloniais italianas da serra gaúcha a partir da articulação dos lugares de memória da italianidade: o mito civilizatório do bom imigrante, e a figura do colono associado à bravura, honradez e trabalho. Como explica Beneduzi:

[...] o filò torna-se o centro de tessitura de um processo de construção identitário. A memória coletiva passa a produzir com os fios das narrativas experienciais ou fantásticas uma realidade na qual a comunidade se reconhece e, também, dá-se a conhecer (Beneduzi, 2004, p. 174).

Longhi e Rigo afirmam que: “O imigrante italiano é o símbolo do trabalho” (Longhi; Rigo, 1981, p. 37). Essa alusão simbólica ao trabalho também pode ser percebida nas narrativas dos membros do Filó de Vila Flores. Assim, a rememoração e manutenção das tradições evocam um sentimento de nostalgia com as vivências passadas que se vinculam à terra de partida (Beneduzi, 2005; 2009; 2020). O filó se constitui em uma experiência que permitirá a sensação de uma

rememoração, de reinvenção das tradições coletivas, a partir das “[...] releituras das canções, dos ditados populares, enfim, de processos de ressignificação do social, os quais relacionam-se dialeticamente às próprias dinâmicas de sociabilidade e sensibilidade da vida quotidiana das localidades de imigração” (Beneduzi, 2004, p. 302). Essa representação da italianidade toma força após a publicação do álbum comemorativo dos cinquenta anos da imigração italiana (1925). Beneduzi observa que:

Na verdade, cada evento apresentará fragmentos do real vivido pelos imigrantes no tempo, ressignificados em novas narrativas que buscam vender uma determinada italianidade. Nesse ponto, é essencial compreender melhor o modo como a memória individual e coletiva vão sendo construídas e reelaboradas, produzindo representações do grupo étnico e identidades. Mesmo tendo em vista um consumo, estas memórias devem estar em sintonia com a autorrepresentação da comunidade e, também, com a forma como esta é percebida pelos outros, aqueles que serão parte dos consumidores (Beneduzi, 2020, p. 97).

As representações produzidas no contexto social de um grupo étnico cultural como presentificação do passado (Beneduzi, 2005; 2009; 2020) evocam as memórias coletivas como forma de integração, mas cada memória individual é influenciada pelas vivências e interações do sujeito com grupos sociais de referência (Halbwachs, 1990). Nesse sentido, o sujeito em relação com seu grupo de referência performa uma autorrepresentação da memória coletiva, incorporando os valores culturais comuns no imaginário dos italo-brasileiros (Goffman, 2002), reforçando o mito da italianidade.

Considerações finais

Compreende-se, que o Filó de Vila Flores traz referências culturais transmitidos aos visitantes por meio da imaterialidade das canções italianas, do simbolismo da polenta, das histórias de imigração e colonização italiana, de tecer de uma cesta, da demonstração da fé, cujos saberes, afazeres e tradições são compartilhados e lembradas pela comunidade local. O campo de análise das práticas tradicionais dos italo-brasileiros sob a perspectiva de performances culturais permite refletir como as mudanças nas estruturas sociais, econômicas e políticas ressignificam os modos de fazer e interpretar os elementos culturais identitários para a preservação e integração desses grupos. Nesse contexto, os filós ganham novos formatos, passando de encontros familiares a comunitários e

turísticos. Essas transformações também podem ser verificadas no campo simbólico, a partir dos elementos que compõem as práticas culturais, reforçando o mito da italianidade. Na análise do Filó de Vila Flores, a fé, o trabalho, as histórias contadas e a mesa servida, sem faltar o prato principal, a polenta, e a canção a ela associada *La Bella Polenta*, reforçam os sentimentos identitários de presentificação do passado (Beneduzi, 2005; 2009; 2020). Uma importante característica no Filó de Vila Flores é a sua realização às noites, tendo em vista, que as mais antigas práticas do filó italiano sempre ocorriam à noite. A pausa para o jantar é a característica marcante do filó. É o momento de maior interação e socialização, representando a família reunida para confraternizar. Em seu sentido simbólico representa a cocanha, a abundância e a liberdade que os imigrantes sonharam em encontrar logo que aqui chegaram nos primeiros tempos da migração. O alimento desempenha uma importante função de intercâmbio cultural e carrega o poder simbólico de unir pessoas. O alimento também se caracteriza como uma expressão de amor (Fiori, 2024⁷).

No campo de análise comparativa das performances em relação ao filó tradicional, considera-se que o Filó de Vila Flores traz elementos culturais derivados do filó tradicional, mas, reveste-se em uma nova abordagem, incorporando referências contemporâneas, o que lhe permitiu sua sobrevivência. O filó, como evento turístico, reconstrói a memória coletiva para “vender uma determinada italianidade” (Beneduzi, 2020), e os ítalo-brasileiros inseridos nesse contexto social de presentificação do passado, incorporam os valores culturais de seu grupo de referência, performando uma autorrepresentação da memória coletiva, cuja performance vincula-se a experiências anteriores, mas que sempre será diferente em cada ação e interação, apresentando porções de comportamentos restaurados, em um jogo de poder diante das mudanças nas estruturas sociais.

Referências:

ATUASERRA. *Governança regional uva e vinho*. Bento Gonçalves, 2022. Disponível em: <https://www.atuaserra.com/governanca>. Acesso em: 18 set. 2023.

BALZAN, Carina Fior Postinger; SANTOS, Rafael José dos. O cancionário da emigração italiana: poesia oral resignificada na performance. *Texto Poético*, v. 12, n. 21, p. 9–26, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.25094/rtp.2016n21a362>. Acesso em: 02 abr. 2024.

BAO, Carlos Eduardo. A invenção da italianidade no Brasil: contribuição para

umolhar descontínuo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 27 a 31 de julho de 2015. *Anais* [...]. Florianópolis, SC, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434420372_ARQUIVO_BAO,Carl osEduardo_AinvencaodaitalianidadenoBrasil_ANPUH2015.pdf. Acesso em: 26 mar. 2024.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos: religião, música, trabalho e lazer*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983a.

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos: a vida italiana em fotografia*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983b.

BATTISTEL, Arlindo Itacir. *Retratos da colônia: tomo 2*. 2.ed. rev. e ampl. Caxias do Sul: Ed. do autor, 2013.

BENEDUZI, Luís Fernando. *Mal di Paese: as reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D'eu (1884-1925)*. 2004. 324 fl. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14417>. Acesso em: 08 maio 2023.

BENEDUZI, Luís Fernando. Nostalgia, alegoria e restus: processos de desconstrução na elaboração identitária vêneta no Rio Grande do Sul. *Textura*, Canoas, n. 11, p. 11-19, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/753/575>. Acesso em: 07 ago. 2024.

BENEDUZI, Luís Fernando. Caminhos de memória: uma análise de percursos de italianidade no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 40-55, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2009.1.5791>. Acesso em: 07 ago. 2024.

BENEDUZI, Luís Fernando. Bens culturais, mercado e italianidade: memórias da imigração no Rio Grande do Sul. *Em questão*, Porto Alegre, v. 26, edição especial. Dossiê Patrimônio e Culturas Tradicionais, p. 93-120, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1808-5245260.93-120>. Acesso em: 07 ago. 2024.

BERGAMASCHI, Heloísa D. Eberle. Propriedade: identidade e cultura regional. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto. (Org.). *Imigração e cultura*. Caxias do Sul: EducS, 2007.

BONI, Luís Alberto de; COSTA, Rovílio. *Os Italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1979.

CECCATO, Makielen Zandoná. *Tecendo histórias: o filó de Vila Flores como uma*

experiência turística compartilhada. 2011. 127 fl. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Design Estratégico) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Caxias do Sul, RS, 2011.

COSTA, Grasielle Aires da. O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner: análises e comparações. *Revista Aspas*, v. 3, n. 1, p. 49-60, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v3i1p49-60>. Acesso em: 28 set. 2023.

COSTA, Rovílio. *Antropologia visual da imigração italiana*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1976.

COSTA, Rovílio; COSTELLA, Irineu; SALAME, Pedro A. ; SALAME, Paulo J. *Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1986.

DAWSEY, John C. Victor Turner e antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*, SP, v. 13, n. 13, p. 163-176, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p163-176>. Acesso em: 03 out. 2023.

FAGGION, Carmem Maria. Bilinguismo precoce e estigma. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (org.). *Imigração e cultura*. Caxias do Sul: Educs, 2007. p. 133-140.

GIORDANI, Luíza. *A alimentação como mecanismo de construção da identidade: o caso dos imigrantes italianos no RS*. 2020. 174 fl. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/213001>. Acesso em: 23 out. 2023.

GIRON, Loraine Slomp. Identidade: região e valores. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (Org.). *Imigração e cultura*. Caxias do Sul: Educs, 2007. p. 39-58.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOMES, Vanderlise Ferreira. *Os filós comunitários e a cultura italiana*. 2008. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/569>. Acesso em: 02 abr. 2024.

GOMES, Vanderlisa Ferreira; LAROQUE, Luís Fernando da Silva. História e cultura dos italianos e seus descendentes: o costume do filó em localidades do Vale do Taquari, RS. *Destaques Acadêmicos*, v. 2, n. 2, p. 33-43, 2010. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/destaques/article/view/63>. Acesso em: 09 set. 2023.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, SP: Edições Vértice, 1990.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. *Scripta Nova*, Barcelona, n. 94, v. 10, p. 1-10, ago. 2001. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/335>. Acesso em: 03 ago. 2024.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. O mito do imigrante no imaginário da cultura. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 233-244, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/1225/848>. Acesso em: 03 ago. 2024.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Vila Flores: panorama: população*. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/vila-flores/panorama>. Acesso em: 03 out. 2023.

JENSEN, R. *The dream society: how the coming shift from information to imagination will transform your business*. New York: McGraw-Hill, 1999.

LONGHI, Orildo; RIGO, Adelar. *Pinheiro Seco: os italianos de Vila Flores*. Porto Alegre: EST, 1981.

LUZZATTO, DarcyLoss. *Dicionário talian-português*. Porto Alegre, RS: Ed. Sagra Luzzatto, 2000.

MANFROI, Olívio. Emigração e identificação cultural da colonização italiana no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 1, n. 2, p. 227-274, 1975. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/36220>. Acesso em: 26 set. 2023.

MANFROI, Olívio. Imigração e nacionalismo. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luíza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA E FÓRUM DE ESTUDOS ÍTALO-BRASILEIROS, 9., 24 a 27 de abril de 1996, Caxias do Sul. *Anais [...]*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. p. 44-54.

MIGOT, Aldo Francisco. Manifestações de sociabilidade entre imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul. In: SULIANI, Antônio (Org.). *Etnias e carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 45-61.

MOLON, Floriano. A influência da imigração italiana na mesa do brasileiro. In: SULIANI, Antônio (Org.). *Etnias e carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 457-468.

NARDI, Oni. *O meio rural da Quarta Colônia de imigração italiana como tema e cenário turístico*. 2007. 187 fl. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9271>. Acesso em 12 out. 2023.

PINE II, B. Joseph; GILMORE, James H. *The experience economy: work is theatre & every business a stage*. Boston: Harvard Business School Press, 1999.

PORTO, Patrícia Pereira. *O Cancioneiro popular da imigração italiana: a leitura como processo de construção de sentidos na performance da canção*. 2015. 221 fl. Tese (Doutorado em Letras)- Associação Ampla UCS/UniRitter, Caxias do Sul, 2015.

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1110>. Acesso em: 23 set. 2023.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. *Politica y Sociedad*, n. 27, p. 63- 76, 1998. Disponível em:

<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/CAS/article/view/4709>. Acesso em: 08 ago. 2023.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. O lugar do canto. In: RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio; POZENATO, José Clemente. (Org.). *Cultura, imigração e memória: percursos e horizontes*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.

RIO GRANDE DO SUL. *Lei nº 12.411, de 22 de dezembro de 2005*. Institui a música “La Merica”, de Ângelo Giusti, como tema da colonização italiana no Estado do Rio Grande do Sul. Assembleia Legislativa, RS, 2005. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/replegis/arquivos/12.411.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. *Lei nº 14.949, de 10 de novembro de 2016*. Declara o Município de Vila Flores Capital Estadual do Filó. Porto Alegre: Assembleia Legislativa, 2016. Disponível em:

<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/LEI%2014.949.pdf> Acesso em: 03 ago. 2023.

SCHECHNER, Richard. O que é performance? *O percevejo*. Revista de Teatro Crítica e Estética. Estudos da Performance, v. 11, n.12, p. 25-51, 2003.

SOUZA, Alessandra; SAAD, Marcela. *Tour da experiência: estudo de caso*. Ministério do Turismo (Brasil); Sebrae Nacional; Instituto Marca Brasil, 2010.

Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-publicacoes/economia-da-experiencia/estudo_de_caso_tour_experiencia.pdf. Acesso em: 24 set. 2023.

TAYLOR, Diana. Introducción . In: TAYLOR, Diana; FUENTES, Marcela A. (Ed.). *Estudios avanzados de performance*. México: FCE, Instituto Hemisférico de Performance y Política, Tisch School of the Arts, New York University, 2011. (Colee. Arte Universal). p. 7-30.

TURNER, Victor. *Drama, campos e metáforas*. Niterói: EdUFF, 2008.

TURNER, Victor. Liminal ao liminoide: em brincadeira, fluxo e ritual: um ensaio de simbologia comparativa. *Mediações*, Londrina, v. 17, n. 2, p. 214-257, jul./dez. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/314542548_Liminal_ao_liminoide_em_brincadeira_fluxo_e_ritual_-_um_ensaio_de_simbologia_comparativa. Acesso em: 01 ago. 2023.

TURNER, Victor. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. Tradução de Michele Markowitz e Juliana Romeiro. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2015. (Coleção Sociologia e Antropologia).

VELOSO, Sainy Coelho Borges. Entre tablados e arenas: performances culturais. *Urdimento*, v.2, n.23, p 188-205, dez. 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/18839>. Acesso em: 02 set. 2023.

VILA FLORES. *Lei municipal 2541, de 05 de julho de 2022*. Institui o Talian, Vêneto Brasileiro, como a segunda língua oficial do município de Vila Flores. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/v/vila-flores/lei-ordinaria/2022/255/2541/lei-ordinaria-n-2541-2022-institui-o-talian-veneto-brasileiro-como-a-segunda-lingua-oficial-do-municipio-de-vila-flores>. Acesso em: 03 ago. 2023.

Artigo recebido em 20/12/2023

Aceito para publicação em 11/08/24

Editor(a) responsável: Nathan Falcucci

¹ “De acordo com o modelo de Van Gennep, ritos de passagem envolvem três ‘momentos’, ou sub-ritos: 1) de separação, 2) de transição (‘liminares’), e 3) de reagregação. (Dawsey, 2005, p. 165).

² “[...] os indivíduos – privados de *status* social, diferenciação sexual, hierarquia de classes, obrigações de parentesco, vaidades e posições de poder – no momento liminar são inclinados a um forte sentimento de grupo e são, assim, amalgamados pelo ritual, pois há um grande sentimento de pertença a um grupo de integração e igualdade entre as pessoas. Estes laços são as *communitas* [...]” (Veloso, 2014, p. 199).

³ Também conhecido por cueca virada.

⁴ Cocanha tem o significado de abundância.

⁵ Sem identificação de autoria.

⁶ Com a fusão do português e várias línguas regionais italianas, sobretudo, de Vêneto, formou-se uma nova língua, o *Talian*.

⁷ Entrevista realizada com Salete Fiori em 17 de abril de 2024. Salete esteve à frente do turismo de Vila Flores, em 1997, quando se consolidou o roteiro turístico Termas e Longevidade na serra gaúcha e o município se associou à Atuaserra.